

} 3.2

Busto no Jardim do Campo Alegre

Eu não queria ter que falar porque não estou habituada a falar em público. Mas parece que tinha mesmo que dizer umas palavras. E então eu resolvi escrever uma coisa simples como uma linha numa folha de papel.

Sou a única filha que voltou ao Porto, terra onde nasci. Voltei porque depois de casar vim viver para o Norte, para a Granja. Essa a razão porque tratei deste assunto e por isso vou falar. Não gosto de falar da mãe – “está demasiado perto” para usar uma expressão sua, quando um dia um jornalista lhe perguntou porque razão falava tão pouco dos filhos. Respondeu: “não consigo – estão demasiado próximos”.

Nós, os três filhos mais velhos, viemos em bebés a este jardim passear, antes de termos memória, já a casa estava fechada mas ainda pertencia à família. Mas, já eu era casada quando visitei pela primeira este jardim com o meu marido, a minha mãe, o meu pai e a minha irmã Sofia. Lembro-me que começámos por ir à Rua António Cardoso, à casa dos meus avós onde a minha mãe nasceu – freguesia de Lordelo do Ouro. Aí a mãe espreitou o jardim por entre as grades, olhou, olhou, muito tempo, e tanto tempo espreitou que alguém de dentro de casa nos viu, reconheceu e convidou para entrar, mas a mãe não quis. Ficou um bocado nostálgica. Daí viemos para este jardim e esta casa, lembro-me muito bem que estava encantada enquanto revisitava a casa, o jardim, as árvores e as flores cujos nomes tinha aprendido com o pai dela, João Henrique Andresen – mas não me lembro de nada de especial que tenha dito. Forçando, talvez aqui se aplique o que disse uma vez noutra contexto: “tudo o que tenho para dizer escrevi”.



Este jardim e esta casa aparecem de facto em livros que vou referir, livros onde a mãe escreve sobre este jardim e esta casa. Estes livros não pretendem ser biografias ou relatos históricos mas histórias ou estórias cheias de descrições e narrativas que têm muito a ver com o real vivido.

Os contos *O Rapaz de Bronze* e *A Floresta* passam-se aqui. *O Rapaz de Bronze* no jardim. *A Floresta* mais lá para a mata. Também *A Noite de Natal* tem a descrição da árvore de Natal no átrio e do jantar de Natal nesta casa.

No conto *A Saga*, do livro *Histórias da Terra e do Mar*, dedicado à memória do primeiro Andresen a mãe diz que foi ele que comprou esta casa mas na verdade foi o filho, o 2º Hans, ou o 2º João Henrique. Hans é João em dinamarquês. Neste conto a mãe escreve sobre Hans: "...comprou uma quinta que do alto duma pequena colina descia até ao cais de saída da barra. Entrava-se na quinta pelo lado dos campos, por um portão de ferro...." – esta a quinta onde estamos agora, e o portão de ferro aquele que passámos para entrar aqui. E este lugar onde estamos é talvez o lugar onde em *A Floresta* escreve sabia ser onde "...na Páscoa se escondiam no jardim de buxo os ovos pintados".

Talvez seja também este jardim que aparece em muitos poemas onde fala de jardim. Quando digo jardim não me refiro só a este espaço dentro da sebe de camélias, mas sim ao jardim todo.

No livro *Poesia* no poema *O jardim e a noite* – será sobre este jardim que a minha mãe escreve?

Atravessei o jardim solitário e sem lua,

 entre os canteiros cercados de buxo

 mas sob o peso dos narcisos floridos

 docemente a sonhar entra a folhagem

 tomei nas minhas mãos a noite escura

 só o vento passou pesado e quente
 e à sua volta todo o jardim cantou

Ou ainda o poema: *Jardim perdido* também do livro *Poesia*, será sobre este jardim?

Jardim em flor, jardim de impossessão

.....
 pois trazias em ti sempre suspenso
 outro jardim possível e perdido.

Ou indo agora para o seu 2º livro – *Dia do Mar* no poema *O Jardim* o verso “queria saciar a minha longa sede de frescura” será sobre este jardim?

Ou ainda, em poemas do mesmo livro *Dia do Mar* será este “o jardim verde e em flor, jardim de buxo” ou será este o jardim onde “devagar a noite poisa”?

Ou será o jardim do poema *Quando*?

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
 Continuará o jardim o céu e o mar,
 E como hoje igualmente hão-de bailar
 As quatro estações à minha porta

.....

 Como se eu não estivesse morta.

Nestes poemas que referi há em todos eles reminiscências que podem ser deste lugar e deste jardim, mas há tantas descrições entrelaçadas e tantos factos diferentes – que realmente só a mãe sabe que jardins são. Mas de certeza muito se referirá a este jardim. Vou citar um bocadinho duma dedicatória que a mãe me escreveu na 3ª edição do *Dia do Mar* (edição da Ática de 1968): “...estes versos da minha juventude de que me lembro todos os dias – e penso sempre que vai voltar”.

Só me referi a poemas dos dois primeiros livros que a mãe escreveu: *Poesia* de 1944 e *Dia do Mar* de 1947 – por um lado porque contêm os poemas escritos ainda no Porto (segundo me disse a minha irmã Maria) e por outro lado porque seria muito exaustivo e monótono referir todos os poemas que se referem a jardins.

Por esta razão a presença desta escultura neste lugar contribui e talvez seja definitiva para o nomear porque nos seus versos e textos os elementos deste jardim encontram a sua significação definitiva.

Aqui neste lugar ao evocar a minha mãe não quero deixar de evocar algumas pessoas que lhe foram muito próximas. Já referi o meu avô João. Agora quero evocar a minha avó Maria de Mello Breyner Andresen, e o meu Pai Francisco de Sousa Tavares – duas pessoas sobre quem escreveu lindíssimos poemas.

Obrigada pela vossa presença.